

SAÚDE DO HOMEM EM DEBATE. Gomes R, organizador. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2011. 228 pp.

ISBN: 978-85-7541-213-8

Os primeiros estudos sobre a saúde de homens surgiram no final dos anos 1970 do século passado, mas ainda hoje o tema se mantém pouco explorado pela literatura científica. Neste livro, um grupo de 16 pesquisadores no campo da saúde coletiva se reúne para promover um debate no âmbito das questões culturais que potencializam ou limitam os cuidados em saúde a serem assumidos por homens. A coletânea é organizada por Romeu Gomes, reconhecido pelas pesquisas nessa área temática. Trata-se de abordagens topológicas que refletem diferentes dimensões sobre uma mesma temática apresentadas em nove capítulos. Ainda que as abordagens utilizadas pelos autores não sigam, necessariamente, uma linha convergente e que algumas delas se contraponham dialeticamente, é comum a utilização da perspectiva relacional de gênero, ancorada, principalmente, em uma base socioantropológica, na busca de trazer contribuições para ações de prevenção e promoção de saúde de homens. No primeiro capítulo, os pesquisadores Lilia Blima Schraiber e Wagner dos Santos Figueiredo abrem o debate com uma abordagem interdisciplinar que se apropria do conceito de “integralidade em saúde” para pensar a saúde do homem no cenário relacional de gênero, partindo da premissa de que, ao se planejarem as ações de prevenção e promoção da saúde, não se pode deixar de levar em consideração as especificidades nas formas com que os homens lidam com o processo saúde e doença. No segundo capítulo, o foco são os estudos e intervenções sociais, no campo dos direitos sexuais e reprodutivos, voltados para homens. Fátima Cecchetto põe em destaque as abordagens e as estratégias utilizadas nesse campo e para isso elabora uma breve contextualização da trajetória política e conceitual dos debates que situam a masculinidade como construção de gênero e a perspectiva feminista como aporte teórico fundamental; faz uma análise da viabilidade de dados epidemiológicos sobre adoecimento e morte da população masculina como estratégia discursiva que justifica políticas, define prioridades e produz sujeitos; e conclui com uma leitura crítica acerca dos investimentos que subsidiaram a construção de um documento-marco para a política de saúde do homem, na interface com as políticas nacionais voltadas à saúde da mulher e aquelas dirigidas ao enfrentamento da homofobia. No capítulo 3, Russell P. Scott propõe uma análise da relação possível entre curso de vida e moradia urbana e as implicações para a saúde do homem. No quarto capítulo Marcos Nascimento, Márcio Segundo e Gary Baker propõem uma reflexão sobre a articulação entre gênero, geração e condição social na promoção da saúde da população masculina jovem. Na primeira parte a abordagem recai sobre o contexto das vulnerabilidades às quais os homens jovens estão submetidos. Na segunda parte, são problematizados dados de uma pesquisa intitulada *Homens Jovens e Saúde*, coordenada pelo Instituto Promundo. O capítulo 5 apresenta uma reflexão sobre situações de discriminação associadas

à cor/raça no cenário nacional, com implicações no campo dos agravos à saúde proposta pelas pesquisadoras Simone Monteiro e Fátima Cecchetto. No capítulo 6, Romeu Gomes coloca a sexualidade masculina em foco, destacando que a temática vem sendo abordada, de um modo geral, a partir de perspectivas reducionistas. O autor apresenta, em seguida, o marco conceitual sobre a sexualidade adotado na discussão e examina questões relacionadas especificamente à sexualidade masculina a partir de uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro que examinou narrativas sexuais masculinas. No capítulo 7 a discussão situa-se no cenário da dimensão de gênero e das questões relacionadas aos serviços de saúde. A reflexão proposta por Pedro Nascimento baseia-se em uma pesquisa etnográfica desenvolvida em um hospital público que presta serviços de reprodução assistida. No capítulo 8, Marcia Thereza Couto e Lillian Blima Schraiber abordam o tema violência de gênero e masculinidades nas perspectivas para a prevenção e promoção da saúde. Após considerações sobre a violência de gênero e as masculinidades, as autoras apresentam um estudo brasileiro que parte de uma pesquisa multicêntrica que conjugou dados quantitativos e qualitativos, no Município de São Paulo e em municípios da Zona da Mata. No nono e último capítulo a proposta é de uma discussão de violência de intragênero, mais especificamente entre homens por conta do rompimento de convenções sociais de gênero e sexualidade. Neste capítulo, os pesquisadores Sérgio Carrara e Gustavo Saggese utilizam dados produzidos por um questionário respondidos por participantes das paradas de Orgulho LGBT, dentro de quatro capitais brasileiras, dialogando estes dados de outros estudos teóricos e empíricos que estabeleçam relações entre homofobia, masculinidade, violência e discriminação. A linguagem clara e objetiva permite que a leitura ultrapasse os limites do público pensado – profissionais de saúde e profissionais de serviços de saúde – sendo possível ampliar seu alcance de interesse para várias áreas de conhecimento e mesmo para um público de leitores que busquem conhecimentos que lhes permitam situar-se com agentes transformadores de uma cultura masculina machista, em prol de relações mais igualitárias. As contribuições desta proposta de debate alcançam os objetivos dos autores no sentido de colocar em pauta uma discussão que rompe com uma perspectiva que exclui o homem como tema e alvo de investigação científica e, ainda, por permitir situar esse homem, numa perspectiva relacional, como ator principal nas ações de prevenção e promoção de saúde.

Lucia Rebello
Rio de Janeiro, Brasil.
rebello.lucia@gmail.com